

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: AINDA É UM TABU?

Ayram Trevenzolli da Silva¹
Brennda Mencialha Dornelas de Albergaria Souza²
Alcione Januária Teixeira da Silveira³

cionepsi@hotmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Humanas

PALAVRAS-CHAVE: educação sexual, escolas, sexualidade, gênero.

INTRODUÇÃO

Segundo Zompero (2018), a educação sexual é fundamental na formação do estudante, tanto no aspecto pessoal como social, e a escola deve contribuir para esta formação. Desta forma, entende-se que os conceitos relacionados à orientação sexual devem ir além da reprodução humana e passar por conhecimentos que possibilitem aos alunos desenvolver habilidades e valores éticos para tomar decisões saudáveis e respeitáveis sobre relacionamentos, sexo e conhecer o próprio corpo, assim como as formas de reprodução. Nessa mesma perspectiva, Severo (2013) aponta que as conversas sobre temas de gênero e sexualidade são emergentes e não devem ser excluídas do processo de formação nas instituições de ensino, porém, apesar da importância, não podemos ignorar as dificuldades na abordagem, especialmente, em ambientes escolares, devido ao movimento conservador que progride no Brasil. De tal modo, percebe-se que a dificuldade em trabalhar a educação sexual está relacionada à própria constituição histórica da sexualidade. As práticas higienistas, repressão da liberdade e, especialmente, a expressão sexual alinhada às crenças religiosas, caracterizaram o início da educação sexual no Brasil, valorizando as relações heterossexuais, o patriarcado e a visão da sexualidade como um tabu (FIGUEIRÓ, 2010; LOURO, 2008). Aprende-se que questões de sexualidade e gênero persistem como problemas educacionais. Discursos sobre sexualidade circulam fora das práticas não discursivas de poder e saber que restringem o que pode ser dito. Isso porque, historicamente, essas questões circulavam apesar dos esforços para controlá-las. As instituições e a moral devem ser protegidas da crítica pela estrita adesão a um padrão de normalidade. Não se pode dizer qualquer coisa em qualquer lugar (FOUCAULT, 1996). Estudos mostram que, embora existam documentos oficiais abordando assuntos de gênero e

¹ Acadêmico do PIVIC – UNIVÉRTIX; Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó/MG.

² Acadêmica do PIVIC – UNIVÉRTIX; Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó/MG.

³ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto, Psicóloga, Mestre em Educação e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó/MG.

sexualidade, os professores, que são os principais responsáveis pela educação sexual nas escolas, não acessaram esses documentos ou receberam qualquer outra formação (NARDI; QUARTIERO, 2012; GESSER; OLTRAMARI; PANISSON, 2015). O que, de forma mais ampla, impede que os professores reflitam sobre seu papel na educação emancipatória. De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) (OMS, 2019), a cada 1000 jovens brasileiras entre 15 e 19 anos, 63 engravidam. Esses números tornam-se ainda mais preocupantes, se levarmos em consideração o quantitativo de pessoas entre 15 e 29 anos, que é de 23% da população brasileira, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021). Além disso mães adolescentes com idade entre 10 e 19 anos são mais suscetíveis a desenvolver problemas como eclampsia, endometriose pós-parto e infecção generalizada (OMS, 2019). Diante disso, a hipótese para esse estudo é que a educação sexual ainda é considerada um tabu, não tendo as escolas, um trabalho contínuo e educativo no que se refere à educação sexual. Dessa forma, esse estudo tem como objetivo analisar o trabalho realizado sobre a educação sexual nas escolas. Trabalhos como esses são relevantes para dar visibilidade ao tema, assim como, possibilitar políticas públicas efetivas no que se referem à educação sexual, considerando que o tema proporcionaria aos adolescentes conhecimento acerca do próprio corpo, da sexualidade humana, seus riscos, condutas invasivas como a violência, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ITS), preconceitos e questões de gênero.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que visa não só relacionar as variáveis de análise central, bem como apresentar bibliografias para embasar os estudos que possam servir de diretrizes para ações de transformação da realidade educacional (MINAYO, 2014). Para coleta de dados, será utilizado um questionário adaptado de (SANTOS, ASSIS, MARRA, OLIVEIRA E PIVA, 2021). Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido como a "técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc." Iremos trabalhar com a técnica bola de neve que segundo Flick (2009), na técnica de amostragem Bola de Neve, o pesquisador pede aos participantes referências de novos informantes que possuam as características desejadas, inicialmente o pesquisador especifica essas características que os membros da amostra deverão ter, depois identifica um grupo de pessoas congruentes aos dados necessários, na sequência, apresenta a proposta do estudo e, após obter/registrar tais dados, solicita que o participante da pesquisa indique outra pessoa pertencente à mesma população-alvo. Assim, será utilizada uma escola como semente inicial. A pesquisa será realizada na Zona da Mata Mineira, após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisas. A pesquisa em questão tem como critério de inclusão, professores que atuam na rede do ensino fundamental há mais de um ano. Como critério de exclusão, professores com menos de um ano no exercício profissional e professores que não estejam atuando no ensino fundamental. A pesquisa será realizada pela plataforma Survio, um sistema

de pesquisa online para elaboração de questionários, coleta e análise de dados e compartilhamento dos resultados (SURVIO, 2016). Para análise dos dados, será realizada análise de conteúdo que, segundo Bardin (2001) consiste em identificar no texto os núcleos de sentido e organizá-los, realizar tratamento dos resultados, inferência e interpretação em que, ao se descobrir o significado da regularidade, as informações serão analisadas, sendo possível realizar interpretações inferências, críticas e reflexões. Espera-se com esta pesquisa subsidiar debates acerca da educação sexual, mobilizar um debate nacional tendo como principais aliados materiais educativos e com a criação e extensão de programas de educação sexual em todo o país, para que sejam formados professores, que os pais sejam conscientizados e que a escola seja um lugar mais preparado para os alunos (GADOTTI, 2011). Todo o processo de elaboração da presente pesquisa, bem como a condução da abordagem aos participantes de pesquisa, os processos de consentimento, coleta e análise dos dados serão desenvolvidos com base na Resolução 466/12 (BRASIL, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Trata-se de uma pesquisa em andamento aprovada pelo Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica da UNIVÉRTIX – PIVIC. Os resultados e discussão serão apresentados após a autorização do Comitê de Ética da Univértix, coleta e análise dos dados obtidos, bem como a confrontação com a literatura pertinente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BATISTA, Ana Cristina. **Sexualidade e currículo escolar**: Um diálogo a partir da legislação. VI Colóquio Internacional. Educação e Contemporaneidade, São Cristovão: Setembro, 2002.

BOMFIM, S. S. **Orientação sexual na escola**: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão. Monografia (Pedagogia), Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2009.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 42-A, de 2007**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=340061> . Acesso em: 21 de dez. de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico Aids e DST**. Brasília: Ministério da Saúde. 64p. 2016.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf> . Acesso em: 11 de out. de 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual.** Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. **Ciências Humanas e suas tecnologias.** Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Orientação sexual.** Volume 10. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, Elisana Ágathal Iakmiu & Ferrari, Arthur. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, 14(3), 937-946. 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica / Conselho Federal de Psicologia.** - Brasília: CFP, 2013.

EUTRÓPIO, Anna Cláudia. **Psicodrama e sexualidade: entre a teoria e a militância.** UFMG. Belo Horizonte, 2019.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio.** 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 13ª edição; Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos, teoria, prática e proposta.** 12ª Ed. São Paulo, SP. Brasil; 2011.

GARCIA, A. M. **Orientação Sexual na Escola: Como os professores, alunos e pais percebem a sexualidade e o papel da escola na orientação sexual.** Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Maria de Jesus Moura, VASCONCELOS, Ana Glória Fernandes, LOBO, Francisca Neuma Soares, *et al.* Sexualidade e pessoa com deficiência. **Rev. Eletr. Enf.**, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 224-227, dez. 2005.

HOFFMAN, Ana Cristina. A atuação do profissional da enfermagem na socialização de conhecimentos sobre sexualidade na adolescência. **Revista Saúde Pública**, 2009.

JEOLÁS, Leila Sollberger; FERRARI, Arthur (2003). Oficinas Camargo & Ferrari, Rosângela Aparecida Pimenta - Prevenção de um serviço de saúde para Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, 8(2), 611- 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Proposições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MELO, Sônia Maria Martins; Uma contribuição à formação de educadores: a inserção curricular da disciplina Educação e Sexualidade no curso de Pedagogia, modalidade à distância, no CEAD/UDESC. **Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Araraquara: Laboratório Editorial FCL – UNESP, 2006. p. 197- 210.

MELO, A. S. A.; SANTANA, J. S. Sexualidade: concepções, valores e conduta entre universitários de Biologia da UEFS. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 29, n. 2, p. 149-159, 2005.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisas qualitativas em saúde**. São Paulo (SP): Hucitec, 2014.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, p.12-17, 2009.

NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Eliana. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 59-87, 2012.

PAIVA, Verá. **Fazendo arte com camisinha: sexualidades jovens em tempo de Aids**. São Paulo: Summus. 2000.

REGER, R. Psicólogo escolar: educador ou clínico? Em: Patto, M.H.S. (Org.). **Introdução à Psicologia Escolar** (pp. 9-16). São Paulo: T. A. Queiroz. 1989.

SODELLI, Fernanda. **Cartilha De Orientação Sobre Sexualidade E Deficiência Intelectual**; Instituto Mara Gabrili; 2013. Disponível em: http://feapaesp.org.br/material_download/321_Cartilha%20-%20Sexualidade.pdf. Acesso em: 21 de dez. de 2022.

SUPLICY, Marta. **Sexo se aprende na escola**. 3. ed. São Paulo: 120 p - Olho d'Água, 2000. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sms-9712>. Acesso em 12 de dez. de 2022.

TONELLI, Maria José; Direitos sexuais e reprodutivos: algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. **Revista Psicologia & Sociedade**, 16(1), 151- 160, 2004. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/anais/pdf/direito_e_sexualidade/2-04.pdf>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual health [Internet]**. Genebra: WHO; 2017 Disponível em: http://www.who.int/topics/sexual_health/en/ [acesso em 24 set. 2022].

ZOMPERO AF, *et al.* A temática sexualidade nas propostas Curriculares no Brasil. **Revista Ciências & Ideias**, 9(1):101-114; 2018.